

SÃO VICENTE

PESQUISA

# Unesp estuda morte de caranguejos

Fotos João Vieira

*Trabalho está sendo feito com espécimens da região da Juréia, que estão morrendo*

**PEDRO CUNHA**  
Da Sucursal

O alerta dado nos mangues da região há pouco mais de um mês, quando pescadores de Peruíbe identificaram uma possível doença entre caranguejos-uçá da Estação Ecológica Juréia-Itatins, chamou imediatamente a atenção de especialistas da Universidade Estadual Paulista (Unesp). A suposta ameaça já está sendo analisada pelo Crusta, um grupo de pesquisa em biologia de crustáceos formado por quatro docentes do campus São Vicente e outros cinco professores associados de outras unidades.

A equipe que está verificando o problema levantado nos mangues do Litoral Sul é coordenada pelo biólogo marinho Marcelo Antônio Amaro Pinheiro, que defendeu a tese de doutorado sobre o caranguejo-uçá — cujo nome científico é *Ucides cordatus* — em 1998.

Embora esteja envolvido em diversos projetos de pesquisa, ele explica que decidiu atender a demanda apresentada pela



Grupo de pesquisa da Unesp do campus São Vicente coletou amostras do caranguejo-uçá na Juréia

Colônia de Pescadores de Peruíbe, por considerar o fato bastante curioso.

Segundo Pinheiro, os sintomas citados pelos caiçaras são similares aos de uma doença encontrada em caranguejos-uçá no Nordeste desde 98. Mas, como não houve registro da moléstia em estados intermediários, como o Espírito Santo, dificilmente o problema teria “pulado” a barreira natural existente.

## Investigação

Para investigar o problema levantado na Juréia, Pinheiro coletou pessoalmente alguns exemplares do crustáceo dentro da reserva, notando que um deles, encontrado no território de Iguape, apresentava sinais típicos do mal que afeta caranguejos da espécie no Nordeste.

“Os animais estão conservados em fixador Davidson, que possibilita uma análise

posterior”, explica o professor, que pretende levar o material, este mês, para ser estudado no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP). “Vou pedir para o professor Sérgio Siqueira Bueno, especialista em Histopatologia, verificar a existência de doenças nos tecidos dos animais”.

De acordo com Pinheiro, Sérgio Siqueira Bueno foi o primeiro pesquisador a identificar a

doença nos caranguejos do Nordeste. “Após diversas análises, ele publicou um trabalho informando que a causa mais provável do mal seria um esporozóario. Para isso, comparou os sintomas encontrados no País com um problema similar que atinge crustáceos na Europa”.

Pinheiro lembra que já surgiu uma nova versão, de que a doença seria causada por um fungo, levantada recentemente pelo pesquisador Antônio Ostrensky. O coordenador do Crusta lamenta que a moléstia não tenha sido estudada a fundo, apesar de ser relatada desde 98.

## Incentivo

Mesmo sem base para afirmar se a mortandade de caranguejos-uçá na Juréia resultou do mesmo problema, ele considera que este seria o momento de o Estado investir em uma pesquisa maior sobre a doença.

Até o momento, sabe-se apenas que a morte dos crustáceos na região não foi causada por poluição, conforme análise de toxicidade realizada pela Cetesb. Segundo o gerente regional da estatal, Marcos Veiga, a análise não apontou nenhuma toxicidade na água, levando a crer que o problema tem uma razão natural, como a troca de casca — o fenômeno da muda — ou alguma doença.

# Biólogo diz que sem recursos o problema não será resolvido

A participação de pesquisadores da Unesp e da USP na investigação sobre um possível problema com os caranguejos-uçá da Juréia deve se limitar à identificação da causa. Sem suporte financeiro para levar adiante o trabalho, os especialistas não terão condições de buscar formas de evitar ou combater uma doença que, se for confirmada, colocará em risco não só o desenvolvimento dos crustáceos, mas também uma das fontes de renda dos caiçaras da região.

“Sem dúvida, temos interesse em estudar o problema. Mas estamos envolvidos em outros projetos e não temos recursos para pesquisar a doença. Não dá para colocar o nome e assumir o trabalho sem apoio”, explica o biólogo marinho Marcelo Pinheiro. Ele diz que desde 1998, quando foi relatada pela primeira vez a doença nos caranguejos-uçá do Nordeste, houve promessas de verbas para investigar a questão, nunca cumpridas.

Segundo Pinheiro, mesmo que os exemplares coletados na Juréia apresentem o problema, o ideal seria pesquisar a doença no Nordeste, onde a mortalidade é bastante significativa, facilitando coletas para análise. “E, mesmo se a morte dos caranguejos aqui tiver outra causa, é hora de estudarmos a doença, que, se não for combatida desde já, aos poucos deve se alastrar pelo País”.

Pinheiro recorda que já participou de reuniões sobre o problema em diferentes estados, nos anos de 1998, 2000 e 2002. “Nesta última, realizada na Bahia, apresentamos uma proposi-



Pinheiro: “Sem apoio não dá”

ta de pesquisa à Gerência do Ibama na região e aguardamos até hoje uma resposta”.

## Paliativos

Segundo ele, o mesmo ocorreu em 2003, durante um encontro em Sergipe. “Foi montado um projeto de estudo amplo, com seis grupos de trabalho. O único que teve apoio foi o de criação de caranguejos para repovoamento das áreas atingidas”, diz Pinheiro, afirmando que esta foi apenas uma solução paliativa.

Ainda de acordo com o pesquisador da Unesp, sempre que um grande número de exemplares morre, procuram os especialistas para resolver. “Porém, não há sequência. Nós nos comprometemos a buscar soluções, desde que haja suporte. Só não dá para trabalhar colocando dinheiro do bolso”.

# Órgão vem analisando a espécie há mais de quatro anos

O Grupo de Pesquisa em Biologia de Crustáceos (Crusta) começou a estudar os caranguejos-uçá em 1998, por meio do Projeto Uçá, cuja primeira etapa contou com recursos da Fapesp da ordem de R\$ 95 mil. Atualmente, além de desenvolver a segunda fase do estudo sobre a espécie, a equipe atua em outras duas áreas.

A primeira etapa do Projeto Uçá terminou em 2001 e a pesquisa recomeçou em 2003, quando o grupo recebeu novo suporte da entidade, de R\$ 350

mil, e mais R\$ 27 mil da Fundação Bio Diversitas. A previsão é que esta segunda etapa seja concluída em 2006, quando será finalizado um estudo completo sobre o crescimento dos uçás, incluindo as variações encontradas dentro da espécie.

Paralelamente ao trabalho sobre os caranguejos, a equipe que atua no Crusta está desenvolvendo outro projeto de grande importância comercial, que também conta com apoio financeiro da Fapesp e da Biot. “Prendemos fazer um levantamento da biodiversidade de crustáceos e peixes no trecho entre 100 e 1.000 metros de distância da costa, para verificar o potencial de extração nessa área”, diz Pinheiro.

Segundo o biólogo, o grupo já fez um trabalho prévio no Litoral Paulista, entre julho e agosto de 2003. Com o auxílio do navio *Solency Moura*, emprestado por meio de convênio pelo Cepsul, do Ibama de Santa Catarina, os pesquisadores realizaram uma coleta-piloto entre Santos e Cananéia, com o intuito de calcular os custos operacionais.

Além de Pinheiro, o setor de crustáceos da pesquisa conta com a participação dos docentes Tânia Costa e Augusto Flores. Já a área de peixes será

coordenada pelo especialista em tubarões e raias Otto Bismarck Gadig. “Esperamos iniciar a pesquisa em 2005. Mas, para isso, aguardamos a liberação de recursos estimados em R\$ 2 milhões”.



## Memória

Em novembro de 2004, pescadores experientes da Barra do Rio Una, em Peruíbe, encontraram vários caranguejos-uçá mortos, sem causa aparente, em um manguezal na entrada da Estação Ecológica Juréia-Itatins. O fato foi levado ao presidente da Colônia de Pescadores da região, Fernando Brasil, que, preocupado com o fim do defeso da espécie no mesmo mês, solicitou à Cetesb uma inspeção na área. Técnicos da empresa estiveram no local coletando alguns exemplares encontrados mortos no mangue e um pouco da água do rio, para análise da toxicidade, conforme o publicado em *A Tribuna* no dia 29 de novembro. Também foi Brasil quem acionou os pesquisadores do Crusta. A preocupação dos caiçaras é justificada pelo fato de a comercialização do caranguejo-uçá representar quase 50% do orçamento da comunidade entre janeiro e fevereiro.



PARABENIZE SUA  
**CIDADE**  
EM GRANDE ESTILO



Reserva de espaço  
Até 14 de janeiro

QUER  
TROCAR  
DE CARRO?



TODA QUARTA  
NO JORNAL  
A TRIBUNA